

UMA BRUXA NORDESTINA: UM TESOURO TREMEMBÉ¹

Betty MINDLIN*

A Cícera Tremembé, narradora de grandes artes e mulher de coragem maior.

Os caminhos que me levaram a deparar-me com uma bruxa no Nordeste começaram na Amazônia. Foi aí, entre os Tupari de Rondônia, que ouvi ao vivo, pela primeira vez, uma versão da história da cabeça voadora, que me deixou profundamente impressionada. Ouvir um mito de um narrador velho, nascido antes do contato com a sociedade brasileira, é um espanto muito maior que o da leitura. Registrei diferentes versões e enredos deste mito em muitas línguas e muitos povos, como os Aruá, Macurap, Ajuru, Arikapu, Jabuti, Tupari, Sateré-Mawé. Se as narrações me deixaram com a imaginação em fogo, eu mal me lembrava que Claude Lévi-Strauss dedicou um livro e meio a este tema (*A origem das maneiras de mesa* e boa parte de *A oleira ciumenta*), que fui reler com o maior proveito e curiosidade. Lembrei-me, então, também, que a lua de *Macunaima*, de Mário de Andrade, que utilizou um mito Kaxinauí documentado por Capistrano de Abreu, é uma cabeça rolante.

Para dar uma idéia do fascínio da história, reproduzo o resumo da versão Macurap e da Tupari que publiquei em um artigo, *A cabeça voraz*.²

¹ Agradeço ao Prof. Luiz Sávio de Almeida, a Maria Amélia Leite, da Associação Missão Tremembé, e aos Tremembé do Ceará por terem aberto para mim as portas do Nordeste. Agradeço também a Viviana Bosi Concagh o convite para participar da mesa-redonda "Narrativa mítica e cultura oral", na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara.

* Pesquisadora do IAMÁ - Instituto de Antropologia e Meio Ambiente.

² *A cabeça voraz. Estudos Avançados* (São Paulo), v. 10, n. 27, p. 271-284, maio-ago. 1996. Ilustrações de Adão Pinheiro. Versões mais inteiras deste mito estão no

“Num mito Tupari de Rondônia, uma mulher casada se divide todas as noites. A cabeça parte em busca de carne e alimentos de outras malocas e aldeias; o corpo mutilado fica na rede, carinhosamente abraçado ao marido. De madrugada, supostamente saciada, a cabeça volta e cola-se ao próprio corpo.

O marido nada percebe, mas acorda com o peito ensangüentado, sem saber por quê. A mulher é boa esposa, faz uma chicha saborosa, sopa nutritiva que entre os Tupari é fermentada por um processo de mastigação, pelas mulheres, de um bocado de milho, cará, mandioca ou inhame. O que o marido não sabe, é que, em vez de mastigar, ela costuma cortar um dos dedos e pingar sangue na sopa para fermentar.

Intrigados com o sangue no peito do rapaz, seus parentes resolvem ficar à espreita. Descobrem o corpo sem cabeça e o jogam numa fogueira. A cabeça, de longe, urra de dor, vem voando para colar-se ao corpo no meio das chamas e a mulher, inteira outra vez, toda queimada, vira bacurau, um engole-vento, e sai voando.

Vem nas noites seguintes, lamuriosa, chamar o marido. É agora um espírito malévolos, um Tarupá. Diz que o ama, pede que a acompanhe. Depois de hesitar, ele a segue, aprendem ambos a voar, vão para o reino do céu agarrando-se a um cipó, atingem as alturas, onde passam a viver com os bacuraus. Estes são assustadores, sobrenaturais. O marido, ou a mulher-bacurau, vira uma estrela, perto das que chamamos Três Marias.

Os Tupari acreditam que quando o bacurau canta à noite, é porque alguém vai morrer. Segundo a tradição, quando alguém é morto, assassinado, o bacurau sente o cheiro de sangue e desce para chupar e comer a carne. O pássaro mítico, assim, seria carnívoro, ou chuparia sangue, embora os bacuraus, da família caprimulgidae, se alimentem exclusivamente de insetos, tendo bocas enormes para apreender a comida em vôo³, o que certamente os índios sabem.” (Mindlin, 1996, p. 271)

“A versão da mesma história entre os Macurap, um povo vizinho aos Tupari, dá uma virada intrigante. Num casal muito unido, também a

meu livro em co-autoria com narradores indígenas, *Moqueca de maridos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Record, 1997, e *Tuparis e Tarupás*. São Paulo: Brasiliense, EDUSP, IAMÁ, 1993. Um dos narradores Tupari da história é Maetsin Nicolau Tupari, e um dos Macurap é Iaxuí Pedro Mutum Macurap.

³ FRISCH, Johan Dalgas. *Aves brasileiras*. São Paulo: Dalgas-Ecoltec Ecologia Técnica, 1981. v. 1, p. 122.

cabeça da mulher sai a passeio todas as noites, ávida por caça, insatisfeita com a que o marido proficiente providencia. Dizem alguns que ela tinha tal quantidade de piolhos, impossíveis de matar, que eles é que queriam carne e cortavam sua cabeça.

O marido, desta vez, sabe o segredo – aparentemente aceita sem problemas a proximidade mutilada pela noite adentro, tolerante para com a independência feminina nesta forma tão incompreensível, tão anormal.

É a mãe da moça, ao chamar a filha de madrugada, ainda em plena escuridão, para ir à roça numa colheita destinada a uma festa, quem descobre o corpo sem cabeça. Horrorizada, acusa o genro de matar a filha; ele nega, pede para esperarem a volta da cabeça aventureira, mas a família não acredita, enterra a moça-sem-cabeça. Quando a cabeça volta, não encontra seu complemento. Desesperada, cola-se ao ombro do marido.

Amam-se, mas a cabeça se torna insuportável, putrefata, em decomposição, mal cheirosa. O marido passa a ser um homem com duas cabeças, obedecendo ordens, alimentando a cabeça da esposa com uma quantidade nunca suficiente de carne. Para onde irá o alimento que a boca devora? Esta é a indagação do narrador. E daí é um trabalhão para livrar-se dela, do odor asfíxiante. O caçador inventa um stratagema: dispõe num moquém distante muita caça, para a mulher ir atrás; e enquanto ela se afasta, aliciada, foge.

A cabeça, sozinha, fétida, passa a ser um Txopokod, espírito ameaçador que devora os homens como devorava a carne, até que um dia um guerreiro esperto, corajoso e veloz consegue exterminá-la.” (Mindlin, 1996, p. 272-273)

Intrigou-me a voracidade feminina desta cabeça em busca de aventuras noturnas. Por que uma mulher voaria dividida, fragmentada, monstruosa? Seria uma busca intelectual de idéias, só a cabeça, ou o mito indicaria uma repressão à sensualidade solta, que só poderia ser buscada com a cabeça sem corpo? Em cada pessoa, os ecos de um mito são outros, mesmo que se procure fugir a interpretações. Voei em muitas imagens.

E descobri logo em seguida, ao vivo-ouvindo e nas leituras, que a cabeça voadora também pode ser masculina. Gravei um lindo mito Sateré-Mawé, no Amazonas-Pará, de uma cabeça passeadeira de um homem adúltero. E a própria cabeça Kaxinauí que aparece em Macunaíma é de homem, rolando pelo chão em vez de voar. Parece, até, que as cabeças masculinas nestes mitos andam pelo chão, não é certo que voem como as das mulheres.

CABEÇAS LIDAS E CANTADAS

O antropólogo uruguaio Olaf Blixen (que é parente da escritora Isak Dinesen – pseudônimo de Karen Blixen, – e que vim a ler por sugestão de uma sobrinha bisneta de Rimbaud, Lisette Rimbaud Canavesi), chamou a cabeça viva decepada de cabeça persecutória. Em um artigo muito interessante, arrolou mais cabeças persecutórias decepadas que as cortadas pela guilhotina na Revolução Francesa⁴.

Pouco a pouco, foi aumentando minha coleção de cabeças. Numa palestra que fiz, recebi como gentil presente uma cantiga de carnaval sobre uma cabeça decepada viva de um príncipe, que depois de morto continua a clamar seu amor pela amada⁵. Qual será a história dessa cantiga? Se é norte-

⁴ BLIXEN, Olaf. La cabeza persecutoria en Sud America. *Moana: Estudios de Antropologia*. (Montevideo), v. 5, n. 1, p. 1-36, 1995.

⁵ Leniza Castelo Branco passou-me a partitura de uma canção norte-americana cantada no Carnaval brasileiro, Caraboo, Repertório d'Os Geraldos, versos de A. Albuquerque, mais ou menos de 1930, documentada em ALENCAR, Edgar de. *O carnaval carioca através da música*. São Paulo: Livr. Francisco Alves Ed., 1980:

Uma lenda do Norte
Conta com singeleza
O amor que um guerreiro
Tinha a uma princesa
O pobre namorado
Andava apaixonado
Pela floresta negra e sem fim
A suspirar assim

Oh! minha Caraboo
Dout' o meo coração
És a minha paixão
Para mim só tu minha Caraboo!

Um dia foi pedir a mão
Da sua bella imagem
Mas, no caminho encontrou

americana, terá reflexos de histórias indígenas americanas, cheias de cabeças sem corpo vivas, ou virá das Europas?

CABEÇAS NO BRASIL ARCAICO AMAZONENSE

Cada achado era motivo de alegria, como a Matintaperera de Eduardo Galvão⁶. As matintaspereras seriam mulheres (às vezes homens), temidas em pequenas cidades à beira do rio Amazonas, cuja cabeça se desprende do corpo para fazer estragos no mundo. Segundo a tradição, percebe-se que uma mulher é matintaperera porque vai ficando verde-amarelada, doentia. A doença de cores patrióticas pode provocar repulsa nos habitantes do lugar, e ocasionar até mesmo a prisão da moça desbotada. Galvão aponta a semelhança entre matintaspereras e lobisomens.

Uma tribu selvagem...
 Ouve-se um grito forte
 Condemnando à morte
 E Caraboo, a pobre infeliz,
 Chora enquanto elle diz

Refrão:
 Oh! minha Caraboo, etc., etc.

Até a porta do palácio
 O jovem foi arrastado, E alli cortaram a cabeça,
 Ao pobre namorado...
 Mas néssa mesma occasião,
 Um milagre vio-se então;
 Que a cabeça enquanto rolava,
 Baixinho 'inda murmurava:

Refrão:
 Oh! minha Caraboo, etc., etc.

⁶ GALVÃO, Eduardo. *Santidades e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, s.d. p.108 r. (Coleção Brasileira, 284).

Não achei cabeças voadoras em Câmara Cascudo, mas, em um de seus livros⁷, confirma ser voz corrente o caráter soturno dos caprimulgídeos, pássaros de que o bacurau faz parte. Lévi-Strauss também aponta para a ligação do bacurau com o mundo dos mortos e com o mau agouro⁸. Embora coma insetos, o bacurau é tido como um chupa-cabras – estaria portanto na moda nos dias atuais.

CABEÇAS ANDINAS

No Peru, a cabeça, em vez de desprender-se sozinha, é cortada por um Degolador mítico, que tem muitos nomes, como Ñaqaq ou Pishtaqu⁹. Este degola os viajantes solitários, extrai a gordura da cabeça para passar nos sinos da igreja, que assim tocam muito melhor, com uma sonoridade superior. A gordura pode servir para lubrificar máquinas ou fazer brilhar os rostos dos santos de gesso. O Degolador adormece as pessoas com um pó mágico, cinzas de ossos, corta-lhes as costas, tira a gordura e volta a costurar o corpo da vítima. A pessoa nem percebe, morre depois de 7 dias¹⁰.

A documentação dada por Montalvo solta a cabeça do leitor junto com as que voam. “No tempo dos Inkas, as *oma poriq* saíam afora pelas noites, dizendo *wis, wis...* pertenciam a bruxos e dedicavam-se a más atividades....Os Callawayas as chamam de *gate-gate*....Emitiam um som onomatopéico, *qep, qep, qep*, de onde seu nome....Se alguém encontra um corpo sem cabeça e lhe derrama cinza, pode matá-lo, pois a cabeça não

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, EDUSP, 1984. p. 183.

⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

⁹ MOROTE-BEST, Efrain. *Aldeas submergidas: cultura popular en los Andes*. 1988 e *Cabezas Voladoras*. *Peru Indígena*, v. 4, n. 9, p. 109-124, 1953. ARGUEDAS, José María. *Mitos, leyendas y cuentos peruanos*, 1947, *Canciones y cuentos del pueblo quechua*, 1949, e *Cuentos religioso-mágicos quechuas de Lucanamarca*, 1960-61. GRANADINO, Cecilia, JIMÉNEZ, Cromwell Jara. *Las ranas embajadoras de la Lluvia*, Lima: Minka, Embajada de los Países Bajos/Kollino Taquile, 1996. p. 14.

¹⁰ MONTALVO, César Toro. *Mitos e leyendas del Peru*. Lima: A.F.A. Imp., 1991. v. 2, p. 234.

poderá voltar a aderir ao pescoço sujo...A cabeça ao encontrar alguém tenta passar-lhe entre as pernas, e se consegue, a mata.”¹¹

Outra história fala de um namorado cuja amada não queria vê-lo às terças e sextas-feiras. Intrigado, ele a espreita. Pelo buraco da fechadura, vê que a namorada era uma bruxa, cuja cabeça desprendia-se do corpo nesses dias, indo andar pelas ruas, enquanto seu corpo ficava na cama fazendo chiados horríveis (qar-qar-qar). O namorado jogou cinza no pescoço degolado e esperou a volta da cabeça escondido debaixo da cama. A cabeça voltou, não conseguiu colar-se ao corpo e grudou no corpo do jovem. Assustado, este começou a correr. Propôs à cabeça ir catar frutos para ela, e convenceu-a a esperar “deitada” no seu poncho enquanto procedia à busca. Perto da bruxa passou uma “taruca” (uma corça?), a bruxa lançou-se ao corpo do animal. O cabelo da bruxa enredou-se nos “tunales”, figueiras selvagens, e ela morreu.¹²

Runa-Nakáq é o degolador de homens. Veste uma túnica branca e um capuz parecido com o dos frades dominicanos. Ronda os caminhos durante o anoitecer, para tirar gordura das costas das pessoas e vendê-la nas farmácias de Cuzco como remédio. Atira pós mágicos nas vítimas e as adormece em sono profundo. A vítima nada percebe e morre entre 3 ou 7 dias depois. A pessoa atacada só pode salvar-se se a operação não tiver sido presenciada por ser vivente ou por espírito, senão morrerá infalivelmente. Para proteger-se do Nakáq, a pessoa deve banhar-se em água ou molhar seu poncho, o que anula os efeitos dos pós mágicos e impede a sonolência¹³.

Dizem que o Nakáq ou degolador é alguém que consegue uma licença do Convento de São Domingos em Cuzco para tirar gordura humana e vendê-la ao próprio convento¹⁴.

Conta-se que um homem viu uma cabeça de mulher tomando água; aproximou-se e marcou-a com uma cruz negra na testa. Pouco depois, indo ao

¹¹ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 199, citando Juvenal Casaverde Rojas. *Allpanchis* (Cuzco), v. 2, n. 2, p. 179-180, 1970.

¹² MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 200, citando Juan Ansión. In: *DESDE el rincón de los muertos: el pensamiento mítico en Ayacucho*. Lima: GREDES, 1987, p. 146-147. O informante é um ayacuchano de 75 anos.

¹³ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 234, citando Juan V. Nuñez del Prado Béjar. El mundo de lo sobrenatural de los Quechuas del Sur del Perú a través de la Comunidad de Qotobamba. *Allpanchis* (Cuzco), v. 2, n. 2, p. 89-90, 1970.

¹⁴ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 275, citando Juvenal Casaverde de Rojas. *Allpanchis* (Cuzco), v. 2, n. 2, p. 180-181, 1970.

mercado, viu uma vendedora com a mesma cruz negra na testa. A mulher, percebendo-se reconhecida, nunca mais voltou ao mercado e morreu dentro de poucos dias¹⁵. Dizem que às vezes o Degolador vende a gordura humana ao governo, para este depois exportá-la a altos preços¹⁶. Os nakaq, segundo se crê, falam castelhano, mas também inglês, e entendem o quechua. Vestem-se de negro, com ponchos de vicunha. Atacam para tirar gordura e vender para o exterior¹⁷.

Há quem se defenda das cabeças voadoras pondo espinhos nas portas das casas, para que os cabelos das cabeças fiquem enredados. Também põem espinhos entre as próprias pernas, para matar as cabeças que tentam atravessar o corpo humano. Outras pessoas dedicam-se a caçar cabeças, a marcá-las para depois pedir compensações ou resgates aos seus donos, descobertos pelas marcas. Baratas e aranhas ajudam as cabeças a roubarem objetos das pessoas a quem desejam fazer malefícios¹⁸.

Morote Best parece ser o grande colecionador de cabeças voadoras no Peru – um colega distante que eu gostaria de encontrar, autor das *Aldeas submergidas*. Mostra os mais variados aspectos das voadoras. Elas já apareciam no início do século XVII, em Phelipe Guaman Poma de Ayala¹⁹.

Morote Best refere-se às numerosas *umas* (*uma* significa cabeça em quechua), cabeças voadoras atuais, que se desprendem do corpo das bruxas e vão festejar com outras cabeças, comendo excrementos. Traz exemplos diferentes, de várias regiões do Peru. O desprender-se do corpo costuma acontecer somente às terças e sextas-feiras. Entre as histórias que desfila, está a de um jovem que encontrou uma cabeça enredada no mato. Esta lhe pede que a desembarace e a leve de volta para casa, pois não pode voar de dia e

¹⁵ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 299, citando *FOLKLORE Mágico de Cajamarca*. Cajamarca: Casa de la Cultura de Cajamarca, Univ. Nacional de Cajamarca, 1971. p. 97.

¹⁶ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 353.

¹⁷ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 391, citando Alejandro Ortiz Rescaniere. In: *DE Adaneva a Inkarrí: una visión indígena del Perú*. Lima: Retablo de Papel Ediciones, INIDE, 1973. p. 165-166.

¹⁸ MONTALVO, op. cit., v. 2, p. 683, citando Emilio Barrantes. Supersticiones, leyendas, tradiciones y cuentos. In: *FOLCLORE de Huancayo*. s.l., Tip. “La Industria”, 1940. p. 61. (Informante Victor Herrera Heredia).

¹⁹ POMA DE AYALA, Phelipe Guaman. *Nueva crónica y buen gobierno (Codex péruvien illustré)*. Ed. Paul Rivet. *Travaux et Mémoires de l’Institut d’Éthnologie*, Paris, 1936. v. 23.

seu corpo está por ser enterrado. Ele obedece, entra com a cabeça na casa onde está o caixão e apaga os círios. Aparece então a jovem a receber os visitantes.

Há cabeças, arrola Morote-Best, de comadre que namora o compadre, ou de mulheres que coabitam com um parente próximo, como o sobrinho. Também se uma pessoa adormecer com sede, pode virar cabeça voadora. Há cabeças de mortos, que se desprendem dos cadáveres para vingar-se de inimigos e chupar-lhes o peito. Há a cabeça da mulher que ao voltar do vôo cola-se ao pescoço do marido, que vira um ser com duas cabeças.

No Chile, segundo o antropólogo Roberto Morales, conta-se que se alguém pedir comida numa casa e sofrer uma negativa, sua cabeça vira fogo e persegue os outros. Deve-se, por isso, dar comida a quem pedir.

No Peru e na Bolívia, a crença no *pishtaqu* continua, com freqüentes perseguições a supostos degoladores secretos relatadas, por exemplo, no final dos anos 70²⁰.

SINCRETISMO, O “SACAMANTECAS” ESPANHOL, A BUSCA DA GORDURA HUMANA

A representação andina do *pishtaqu*, estranhamente, tem correspondentes na Europa, como um mítico ladrão de gordura humana na Andaluzia, o “sacamantecas”, como mostra a antropóloga Antoinette Molinié-Fioravanti. Segundo ela, no século XVII europeu, mais que uma representação, a crença no “sacamantecas” é demonstração de medo justificado, pois a medicina da época apoiava-se muito em dissecação e na busca da gordura humana extraída de criminosos ou condenados como um remédio milagroso²¹.

²⁰ WACHTEL, Nathan. *Deuses e vampiros*. São Paulo: EDUSP, 1996.

²¹ MOLINIÉ-FIORAVANTI, Antoinette. Comparaisons transatlantiques. *L'Homme*, v. 32, n. 122-124, avr.-déc. 1992. p. 165-183.

CABEÇAS NORTE-AMERICANAS

Entre povos indígenas da América do Norte, as cabeças rolantes são freqüentes. Dou apenas um exemplo, um mito Cheyenne, deixando a pesquisa do hemisfério norte para uma outra ocasião. A história é a seguinte.

“Um casal tinha um filho e uma filha. O marido costumava pintar o rosto e o corpo da mulher cada vez que saía de casa. Nas ausências do marido, ela ia a um lago, tirava a roupa e chamava uma cobra, seu amante. Voltava tranqüilamente para casa, e comia a carne que o marido lhe trazia. Mas este reparou que a tinta do corpo dela se esvaía, e resolveu espreitá-la. Viu a cena de amor com o amante-cobra, matou a mulher e levou a carne dela, como caça, para os filhos comerem. Sem saber, as crianças comeram. O menino, mais novo, comentou que a mãe os estava provocando, por ficar longe tanto tempo, sem reaparecer. A menina respondeu que não deviam jamais criticar a mãe. Nisto chega a cabeça da mãe, rolando para perto deles, lamentando-se por ter sido devorada pelos próprios filhos. Apavoradas, as crianças fugiram, a cabeça-mãe atrás. A menina, a filha mais velha, desenhou um círculo na terra, abriu um buraco tão grande e fundo que a cabeça não conseguia atravessar. O irmão mais novo estava com muita fome, mostrou um veado para a irmã. Esta olhou, o veado morreu. As crianças comeram. Alguém ajudou-os, duas onças e dois ursos cuidaram delas, protegendo-os contra animais selvagens. Uma aldeia estava à morte, com fome, os habitantes ouviram falar das crianças. Estas os convidaram para comer. O pai chegou e ficou com elas. Mas, com raiva dele, os filhos fizeram com que leões o devorassem.”²²

Será possível imaginar uma cena mais horrível que uma mãe adúltera, sem corpo, perseguindo os filhos que a devoraram, versão estranhíssima de Clitemnestra? Lembremos que Clitemnestra matou o marido, Agamenon, junto com o novo marido Egisto. Tinha boas razões de ressentimento contra Agamenon, que a roubara de seu primeiro marido, e sacrificara mais tarde a filha de ambos, Ifigênia. É, no entanto, assassinada pelo filho Orestes, como vingança da morte do pai (e pouco antes sonha que uma cobra morde-lhe o seio...). Mulheres modernas hão de argumentar que a heroína indígena não cometeu outro crime senão apaixonar-se por um ser que não seu marido, é verdade que uma cobra, imagem hedionda de amante apresentada na história, enquanto seu marido assassinou-a e enganou

²² THOMPSON, Stith (selected and annotated by). *Tales of North American Indians*. Bloomington, Indiana: 1929. O resumo da história é meu.

cruelmente os filhos, levando-os a comer a própria mãe. Poderemos concluir que a lição do mito não favorece as mulheres, embora o pai seja morto pelos filhos ao final?

UMA BRUXA VERDADEIRA, FINALMENTE

Perseguidora de cabeças, ou perseguida por elas, como num conto de Cortázar, não resisti a perguntar, ao passar entre os Tremembé, se ali havia algo parecido. E qual a minha alegria e espanto, ao descobrir uma voadora – de corpo, porém, não de cabeça.

A narração foi feita por uma das mulheres mais fortes e corajosas que conheci em minha vida, capaz de manter a alegria em meio a intensos sofrimentos. Cícera, como muitos outros Tremembé, perdeu suas terras e sua plantação, a criação de gado, porcos, galinhas, tomadas por grileiros, em época relativamente recente – nos anos oitenta. Desde o século XVI, os Tremembé vinham se mantendo em parte do que foi seu extenso território, no Ceará, na região de Almofala, apesar da colonização e do povoamento europeu. A violência da invasão recente é desconcomunal. Grileiros foram comprando os coqueiros aos Tremembé empobrecidos. Desconhecendo a lei brasileira e a internacional dos direitos indígenas, muitos Tremembé venderam os coqueiros, sempre sabedores que a terra era dos antigos, e não podia ser comercializada. Os compradores dos coqueiros foram se instalando, venderam as terras a outros grileiros mais poderosos, que pela força expulsaram numerosíssimas famílias, do dia para a noite, matando animais e queimando casas. O marido de Cícera, de tristeza, morreu pouco depois. Ela resistiu na própria terra, durante um tempo, mas foi obrigada a mudar-se. Hoje, como sempre, está entre as grandes lutadoras pelos direitos dos Tremembé às suas terras, que até agora estão delimitadas, ameaçadas por processo de invasão, os habitantes cercados em sua própria região, na expectativa e na batalha pela demarcação e legalização completas.

Transcrevo a narração tal como me foi contada, com a esperança de que o relato possa servir de material para as escolas Tremembé no excelente programa de educação indígena iniciado em 1997 pela Associação Missão Tremembé. Eis apenas uma narrativa de um imenso cabedal que prova a riqueza cultural deste povo indígena – não menos indígena que os demais povos indígenas brasileiros, embora não falem mais a própria língua, que lhes foi arrancada à força, pela lei dos mais fortes, como tantos outros bens, a terra e as formas sociais. Espero que longe de banir a bruxa e jogá-la na

fogueira como fez a Inquisição, os Tremembé se orgulhem da tradição que vêm passando de geração em geração com prodigiosa memória e num português de fazer inveja ao brasileiros mais expressivos, um português especial, regional, que não consegui transcrever fielmente, mas que eles saberão tornar escrito. Que ninguém mais duvide, também, ao ver a longa tradição americana em que esta história se insere, de que os Tremembé são índios, por maior que possa ser a influência européia neste enredo fascinante da bruxa voadora. Esta, e muitas outras histórias, poderiam ser documentadas pelos próprios Tremembé ou por seus aliados, compondo um livro que reafirme seu valor cultural, sua criatividade e sua dignidade aos olhos da sociedade brasileira, e que sirva às crianças indígenas como material de leitura contendo o que lhes é familiar e possa ao mesmo tempo ser contado oralmente.

A BRUXA

Narradora: Cícera Tremembé, abril de 1997

“Tem mulher que vira bruxa. Deixa a cabeça num canto, lá onde vai virar bicho. A cabeça parada, deitadinha, sai só o corpo pelo mundo, soltinho. Vai pelo mundo, sem cabeça.

Assim contam, que é bruxa sem cabeça, o corpo voando bem danadinho por matos e caminhos afora, a cabeça descansando. Não acredito. Contam que desprega a cabeça, deixa parada, fixa no mesmo lugar. Tira a cabeça, depois coloca de novo? É possível, a mulher fazer a cabeça grudar-se e desgrudar-se da dona, do pescoço que é seu?

Vai guinchando, comendo o que passar, correndo sete províncias. Come tudo o que encontrar, tem uma fome muito grande. Criança talvez não. Só se for muito pequena... De madrugada, antes de amanhecer, ainda no escuro, volta para onde virou, para a mesma cabeça, vira mulher perfeita. Ninguém percebe, faz o vôo na dormida, na sua casa todos dormem, enquanto a bruxa vai para sua penitência, corre sete províncias. Quando vem de volta, pega o mesmo resto que deixou, as peças de roupa, a cabeça, vai se trocar, cola-se na cabeça, veste-se, vai dormir.

Porque ela vai pelas sete províncias, nua em pêlo, nua que nem nasceu, voando com o bicho em cima, batendo todo o caco velho no corpo. Bate o couro velho, lepo-lepo-lepo... A roupa ficou do lado da cabeça, o que

usava, os enfeites. Vai se encontrar com Satanás... Voa é com o poder de Satanás, não anda com seu próprio poder, a força não é dela mesma.

Quando se cansa, volta para trás, vai dormir, agarrar a cabeça deitada. Ninguém vê que saiu e voltou. Mas começam a desconfiar que aquela mulher é bruxa, porque parece que fica doente, amanhece o dia triste, vomitando, engulhando, amarela, não quer comida, vai definhando.

A mulher que é bruxa vai ficando fraca e amarela com seus passeios. Só se cura quando é pegada, quando os outros desconfiam e é apanhada.

O povo mais velho conta esta história da bruxa que corria, ficava assombrando as pessoas nas estradas, nos caminhos, de noite, fora de hora. Lá ficava, sem cabeça...

Uns contavam para os outros da mulher que passava a noite nas estradas, correndo, fazendo doidice, assombrando todo mundo. Um rapaz deu com o lugar onde ela virava a bruxa, onde deixava a cabeça e suas vestes, onde ficava a informação do que ela fazia. Contou, juntou-se um grupo de homens, foram ver...

Era verdade, viram a cabeça sem corpo, vivinha, o rosto da mulher-bruxa, os olhos abertos, o cabelo bem bonito comprido. Nem sei se saía sangue, se a cabeça falava.

Os homens foram lá para desencantar, naquele dia. Fincaram uma faca bem rente à cabeça e esperaram, escondidos. A bruxa veio, só o corpo sem roupa, era linda essa mulher... Ela tentou encostar na cabeça, mas não conseguia, a lâmina da faca impedia, não virava mulher inteira outra vez, era o aço frio, o metal, a afugentavam. O corpo voltou para trás, não conseguia fincar na cabeça. Ia tentando, tentando... Dava aquele guincho de bruxa, voltava na carreira.

Amanheceu, o sol saiu, e na luz do dia ela não podia vir. Quando chegou perto de meio dia, eles contando as horas, foram tirar a faca. Ela se arriscou mais uma vez, pegou a cabeça do chão, foi para casa dormir. Passara da hora, e assim ela se desencantou, não virou mais, já era dia.

Meu pai é que contou essa história. Faziam assim, juntando os homens, para desencantar aquela pessoa que estava ficando doente, chorando, ficando velha, pessoa que não prestava nem para comer, estava correndo na rua. Iam atrás de quem estava se encantando, aquela fantasma na rua, iam esperar, um dia pegavam na mulher virada, punham a faca entre a cabeça e o corpo, desencantavam. Não virava mais aquele inseto mau.

Ainda existe bruxa que aparece, é uma visão da noite. Tem bruxa, a gente sente passar guinchando.

Eu mesma, a minha pessoa, nunca no mundo vi nem o alarme dela, o jeito dela passar, como já ouvi faz tempo o barulhão dos cachorros, latindo para o lobisomem que virava, corria...

Lobisomem corre todo o dia. Mas a bruxa tem os dias dela correr. Só corre de sexta-feira.

É história de trancoso, esta da bruxa."²³

CONCLUSÃO

Chama a atenção, na bruxa nordestina, sua semelhança com as parentes da floresta, estas apenas cabeça, pedaços que se completam. O vôo peruano, também da cabeça e não do corpo, tem com a bruxa semelhanças curiosas, como a dos ruídos onopatoxicos, wis, wis wis, lepe, lepe lepe. Há outros parentes, distantes mas mais familiares ou conhecidos, como a mula-sem-cabeça ou o lobisomem. Coincidência ou ligação espacial, a mesma tradição ou influência da Europa, não importa. Há sempre o fascínio pela figura aventureira, que experimenta caminhos não trilhados ou aprovados pela comunidade e suas regras, num pêndulo atraente entre, de um lado, a

²³ A bruxa não consegue colar seu corpo à cabeça por causa do aço da faca; seria porque a lâmina está entre o pescoço decepado e a cabeça? Ou simplesmente pela presença do metal? Câmara Cascudo menciona a tradição, no Brasil e em Portugal, de amedrontar espíritos e bruxas pela mera presença de metal, costume que havia igualmente na Espanha, França, Bulgária, Romênia, Grécia. (In: CASCUDO, Luís da Câmara. *A bruxa e a tesoura aberta*. In: _____. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, EDUSP, 1985. p. 186-87.). Lembre-se a importância do ferro para os ciganos, que para alguns, deve-se aos pregos da cruz de Jesus.

exploração do mundo e ousadia, de outro a feitiçaria e o malefício. Interessante pensar porque, na comunidade, as pessoas, homens ou mulheres, são identificados com o mal. Percebe-se que a transgressão sexual é o núcleo básico. Ou um saber que faz medo, o correr mundo, o conhecimento, a exploração da sexualidade, como a serpente do paraíso. Põe-se a questão de saber o que é o não-humano, a vida/morte com o corpo decepado, a imortalidade.